



AS CRIANÇAS EM... É DE MENINO OU DE MENINA? AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS INFANTIS

Marta Regina Paulo da Silvam¹

Vivemos um momento na história da humanidade, onde a mídia vem se constituindo, junto com a família e a escola, em mais uma instituição de socialização que interfere diretamente nos modos de viver de crianças, jovens e adultos, veiculando valores, crenças, costumes de uma determinada sociedade. Para Melo e Tosta (2008) a mídia está relacionada a indústria dos bens simbólicos, pois “corresponde a um sistema complexo de produção, circulação e consumo de bens culturais. Seu foco está orientado a fabricar artefatos que se materializam em palavras, sons, imagens, seja no plano real, seja no plano imaginário” (p. 30).

Neste sentido, a mídia pertence à esfera pública. Porém, esta relação com a esfera pública é bem mais complexa, de modo especial no Brasil, uma vez que é gerida basicamente por empresas privadas. Assim, embora destinada a maioria da população ela termina por constituir-se em um sistema da “elite”, sendo controlada por forças político-econômicas que transmitem e reafirmam valores da classe dominante do país (Melo e Tosta, 2008).

Desta forma, os produtos da indústria midiática não são neutros, mas sim resultados de uma produção complexa que incorpora representações, desejos, expectativas, angústias, valores, costumes... de uma dada sociedade em um determinado contexto histórico. Contudo, como afirma Setton (2004), por serem estes “expressões parciais de realidades, as mensagens da cultura da mídia são por excelência ambíguas. Ao mesmo tempo que promovem os interesses das classes dominantes (...) suas mercadorias participam das lutas sociais difundindo posições conflitantes” (p. 84).

Neste campo de ambiguidades é que se inserem as histórias em quadrinhos (HQ), que precisam ser compreendidas não apenas como produto de entretenimento, mas como um artefato cultural que se situa, utilizando-me da análise de Giroux (1995) sobre a Disney, “na intersecção entre entretenimento, defesa de certas idéias políticas e sociais, prazer e consumo” (p. 60).

Histórias em quadrinhos, corpo e relações de gênero

¹ Doutoranda em Educação pela FE-UNICAMP. E-mail: martarps@uol.com.br.



Compreendendo as HQ como produto da cultura midiática, portanto, como agente de socialização que veicula informações sobre os mais variados temas: sexo, religião, família, política, infância, educação, etc; objetivo com este trabalho problematizar como o corpo, e suas marcas de gênero, são representados nos quadrinhos infantis contribuindo para o estabelecimento e/ou fortalecimento das relações de poder através das mesmas. As HQ escolhidas para esta análise são as da *Turma da Mônica* e a *Turma do Xaxado*, ambas brasileiras, sendo a primeira bastante difundida através dos diferentes meios de comunicação.

Antes, porém, faz-se necessário explicitar que a própria compreensão do que sejam as HQ é polêmica, sendo difícil encontrar uma única definição para a mesma. Neste trabalho assumo a definição proposta por Will Eisner (1999) que vê a história em quadrinhos como arte sequencial, ou seja, a arte de narrar através de imagens dispostas em uma sequência. Arte esta constituída por dois signos gráficos: a imagem e a escrita.

Uma arte de raízes populares que, graças a sua linguagem específica caracterizada também pelos balões, onomatopéias, requadros e os vários planos utilizados pelos desenhistas, tornou possível certa dinamicidade à leitura, conquistando grande público entre crianças, jovens e adultos. Soma-se a isso a facilidade de acesso graças a sua reprodução e disseminação, cumprindo assim com aquela função social defendida por Benjamin (1994) de aproximar o indivíduo da obra.

As HQ da Turma da Mônica e da Turma do Xaxado

Em 1963 nasce a Mônica, criada pelo artista e empresário Maurício de Sousa, que passa a compor as HQ por ele criadas: Cebolinha, Franjinha, Chico Bento, entres outros. Esta era então, a primeira personagem feminina deste autor, que teve como inspiração sua própria filha Mônica. A personagem Mônica chega às tirinhas do jornal demonstrando sua força física e se impondo na vida cotidiana dos meninos das histórias.



1ª Tira da Mônica, publicada em 1963. Fonte: *Mônica 30 anos*. São Paulo: Ed. Globo, 1993

Poderíamos dizer, nos apropriando de um dos estereótipos criados por nossa sociedade quanto ao que é ser homem e mulher, que Mônica chega de forma agressiva,



impondo seu poder pela força, atitude esta esperada dos meninos e não das meninas. Como veremos nas tirinhas abaixo, seria a Mônica uma personagem que marcaria a presença das meninas no cenário cultural numa posição de liderança da Turma, contrapondo concepções naturalizadas que diferenciam homens e mulheres apenas por suas diferenças biológicas?



Fonte: *Mônica 30 anos*. São Paulo: Ed. Globo, 1993



Fonte: *Mônica 30 anos*. São Paulo: Ed. Globo, 1993

No entanto, em tirinhas posteriores, a própria Mônica passa a preocupar-se com sua aparência, em tornar-se mais “feminina”:



Fonte: *Mônica 30 anos*. São Paulo: Ed. Globo, 1993

Assim, seu visual, de modo especial seu corpo, foi se modificando através dos anos, mas sem mudar algumas de suas características principais: “baixinha”, “brabinha” e “dentuça”. Seus traços foram ficando mais arredondados, seu semblante menos “fechado” e mais sorridente. Segundo Santana (2009), o objetivo de tais mudanças “era tornar as histórias mais atrativas, visando manter a sua aceitação tanto no mercado nacional como internacional” (p. 82), ou seja, era preciso “desenhar” padrões corporais que veiculados por suas histórias possibilitasse “adequá-los e massificá-los de acordo com as ‘tendências de mercado’” (Soares e Silva, 2003, p. 128). Vale destacar aqui o caráter universal da Turma da Mônica, sendo ela publicada em diversos países.



Fonte: *Mônica 30 anos*. São Paulo: Ed. Globo, 1993

Remetendo-nos a Scott (1990) segundo a qual um dos elementos constitutivos das relações sociais de gênero são os símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações simbólicas, podemos compreender que o novo visual da Mônica procura legitimar a concepção moderna de criança como imagem da inocência, pureza, alegria, espontaneidade. Imagem consagrada pelos discursos científicos que terminaram por sacralizar as imagens das crianças e da infância.

Como afirma Louro (2000, p. 104), “o lócus de construção das identidades é o corpo”, sendo assim, é preciso desde a infância vigiar e normalizar os corpos das crianças na tentativa de capturá-las nas formas dominantes que definem o que é ser homem ou mulher em nossa sociedade, e como cada um/uma deve comportar-se.

Em sua tese de doutorado, Cunha (2005) observa nas instituições de Educação Infantil, que a “necessidade de colocar as imagens da Turma da Mônica é uma necessidade das professoras em promover uma ambientação onde as crianças possam conviver com representações de uma boa infância. Não são as escolhas das crianças, mas as dos adultos que prevalecem” (p. 131).

No trabalho com a formação continuada de professores/as, também pude observar tal imposição ao acompanhar projetos didáticos com HQ desenvolvidos com as turmas de 5 e 6 anos. Em todos eles os personagens escolhidos, pelas professoras, eram os da “Turma da Mônica”, sendo a justificativa para esta escolha o fato destas histórias serem feitas para as crianças e representarem a realidade das crianças brasileiras.

Ainda sobre a disposição dos corpos, analisando as HQ da Mônica, verificamos que estas representam a realidade de algumas crianças de classe média/alta, urbana, branca, que possui um lar e centro das atenções familiares. Não encontramos em tais histórias, via de regra, menção às desigualdades sociais as quais a maioria das crianças brasileiras estão submetidas, assim como não são questionados os diferentes papéis sociais assumidos por seus/suas personagens.



Se a personagem Mônica destoa do discurso normativo de que as meninas são frágeis e com isto subverte a ordem sócio-cultural que tem delegado aos homens a imagem de força e liderança, por outro lado demarca que tal liderança se dá por uma menina autoritária, antidemocrática, cuja liderança só é possível pela força física, pela coerção.

A menina Mônica desde 1963 até hoje se impõe no grupo de crianças de sua Turma, através de suas “coelhadas”, símbolo do seu poder, camuflando ainda o preconceito e a discriminação que os meninos possuem em relação a ela (Santana, 2005), por ser baixa, gorda e possuir dentição proeminente, características que não condizem com os padrões de beleza presentes em nossa sociedade. Em algumas histórias se fará presente a preocupação de Mônica com seu peso e sua aparência. Na tirinha abaixo, para ir a um encontro com um menino que ela não conhecia, Mônica se transforma, usa sapatos com salto para parecer mais alta, cinto que aperta sua barriga e máscara para esconder seu rosto, mais especificamente seus dentes.



Fonte: *Mônica*, n. 24. São Paulo: Panini, 2008.



Fonte: *Mônica*, n. 183. São Paulo: Ed.Abril, 1985.

Contraditoriamente à imagem da menina forte e que não se deixa dominar pelos meninos, vamos observá-la em várias histórias assumindo comportamentos ditos “de menina”: brincando de casinha, esperando que um menino a defenda, querendo aprender as tarefas domésticas, etc. Com relação às outras personagens das histórias, todas se enquadram nos estereótipos do que é ser homem ou mulher em nossa sociedade. As imagens abaixo ilustram a minha afirmação:



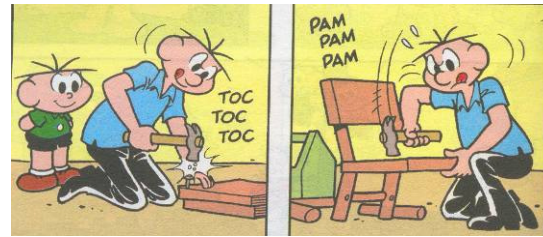
Fonte: *Mônica*, n. 193. São Paulo: Ed.Abril, 1986.



Fonte: *Mônica*, n. 184. São Paulo: Ed.Abril, 1985.



Fonte: *Mônica*, n. 23. São Paulo: Panini, 2008.



Fonte: Almanaque. Historinhas de duas páginas. n.1. São Paulo: Panini, 2007.

Mas a Mônica não se impôs apenas nas histórias; com sua força e da indústria de comunicação de massa, se impôs também no cotidiano das crianças brasileiras e, posteriormente, na de vários países. Hoje, Mônica e sua turma estão presentes não só nos quadrinhos, mas também na TV, cinema, parques, nos brinquedos, vestimentas, produtos de higiene, alimentação, construção... e em várias campanhas educativas.

A partir de 2008, em função do desinteresse das crianças na faixa etária a partir de 11 anos pelas histórias tradicionais da Turma da Mônica, ela também se tornou jovem (cf. Turma da Mônica Jovem) e já foi anunciada com seus 40 anos, com um corpo “malhado”, possivelmente na academia, como podemos ver pela sua vestimenta.



Mônica Jovem
Fonte: Revista Sax. São Paulo: Sax, 2008.



Mônica aos 40 anos
Fonte: Revista Folha. Jornal Folha de São Paulo, 26.06.09.

A Turma do Xaxado, criação do desenhista Antônio Cedraz, teve suas tiras publicadas pelo jornal A Tarde (Bahia) desde 1998. Atualmente está também sendo publicada em revistas vendidas em bancas, pelas editoras HQM e Cortez. Suas narrativas abordam, com humor e sem subestimar a capacidade das crianças, temas



polêmicos da realidade brasileira como, por exemplo, a exploração de homens e mulheres do campo, a pobreza, a corrupção dos políticos, a questão da seca, dentre outros. Suas histórias são ainda pouco conhecidas pelo público brasileiro, mas já despontam no cenário brasileiro dos quadrinhos infantis. Vamos observar algumas tiras e, de modo especial, como as questões relativas ao corpo e gênero nelas aparecem.



Fonte: Xaxado, ano 1. Salvador: Ed. e Estúdio Cedraz, 2003.

Esta tirinha com Xaxado, personagem central da Turma e neto de cangaceiro, e o Saci, personagem do nosso folclore brasileiro, nos remete a pensar sobre os critérios que definem os padrões de “normalidade”, e, conseqüentemente, aos significados atribuídos em nossa cultura a aparência física. Padrões que foram sendo construídos, sobretudo, a partir dos discursos médicos e sendo naturalizados através de vários dispositivos de poder, entre eles a própria mídia, por vezes negando as diferenças e legitimando discursos preconceituosos e excludentes.



Fonte: Xaxado, ano 3. Salvador: Ed. e Estúdio Cedraz, 2008.

Corpos invisíveis a muitos adultos, corpos sofridos, também se fazem presentes em suas histórias. “Os corpos da maioria dos brasileiros são feridas *abertas* que se mostram cotidianamente nas ruas, nos locais de trabalho desumanos: campo, indústrias, fábricas, ‘casas de famílias’” (Soares e Silva, 2003, p. 128). Corpos que precisam ser apresentados em sua diversidade, contradições e ambiguidades.



Fonte: Turma do Xaxado, v. 3. Salvador: Ed. e Estúdio Cedraz, 2003.



Do ponto de vista da relação entre os meninos e as meninas, embora Xaxado seja o personagem central da Turma, não há uma relação de subordinação entre eles/elas. Em várias tirinhas é possível observá-los/as em diferentes situações coletivas: em roda contando “causos”, pegando água, lendo histórias..



Fonte: A Turma do Xaxado, João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.



Fonte: Xaxado, ano 1. Salvador: Ed. e Estúdio Cedraz, 2003.

Quanto aos papéis desempenhados pelas mulheres aparecem de forma diversificada, demonstrando mudanças nas relações sociais. Seja como vemos na tirinha da briga de galos, apesar de ainda apresentar estereótipos como o de que as mulheres brigam puxando o cabelo e quebrando unhas; seja na recusa de Marieta ao “charme” de Artuzinho, filho de fazendeiro, fazendo-o chorar. Choro que não faz parte da cultura machista de nossa sociedade.

Com relação aos papéis de homens e mulheres, veremos ambos na “lida” da roça. No entanto, nos cuidados da casa ainda prevalece a mulher, geralmente as mães das crianças. Porém outras figuras femininas se apresentam nos quadrinhos como repórter, funcionária do correio, professora, benzedeira... demonstrando a diversidade presente em nossa sociedade, com todas as suas contradições.

Considerações finais

Sem a pretensão aqui de encerrar este trabalho, pois a cada retorno as histórias, às suas narrativas visuais e verbais, outras tantas questões se apresentam, é possível tecer algumas considerações mesmo que provisórias. Através da breve análise das HQ da Turma da Mônica e da Turma do Xaxado, observamos que a questão central sobre a qual temos que investigar diz respeito aos conteúdos por elas vinculados e, conseqüentemente, o uso que delas se faz.

A partir das HQ da Turma da Mônica verificamos como estas retratam personagens e temas que desconsideram as particularidades locais e regionais e, com



isto, as diferentes infâncias e suas produções culturais, imprimindo certo modelo do que é ser menino e menina em nossa sociedade. Desnudando a figura da menina Mônica, aparentemente forte, nos deparamos com uma criança autoritária, que usa da coerção para se fazer líder e que em vários momentos, assim como todas as outras personagens legitimam os discursos dominantes acerca das relações sociais de gênero, através de formas de poder antidemocráticas, marcadas pela suposta superioridade masculina, branca, eurocêntrica.

Já a Turma do Xaxado, quadrinho ambientado no nordeste brasileiro, apresenta, de forma bem humorada, críticas ao sistema capitalista e, dentre elas aquelas relacionadas à disposição dos corpos e das questões de gênero, embora esta última ainda de uma forma muito sutil, sem uma explicitação mais contundente da realidade das mulheres, no caso das mulheres nordestinas, na relação com os homens.

Importante deixar claro que estas análises não têm a pretensão de dizer se tais quadrinhos devem ou não ser apresentados às crianças, até porque eles, e de modo especial a Turma da Mônica, já fazem parte do universo cultural das crianças. Também não é possível negar o prazer que suas leituras provocam. A intenção aqui é de que tais artefatos possam ser problematizados, especialmente por professores/as e demais educadores/as, no intuito de desvelar os discursos ideológicos que marcam suas narrativas, de modo a compreendê-los para além de puro passatempo e entretenimento, mas como um veículo poderoso de socialização de valores, idéias, crenças, costumes..., pois como afirma Hernández (2000) “o conhecimento da cultura visual está relacionado às interpretações sobre a realidade e sobre como estas afetam a vida dos indivíduos” (p. 130).

Apresentar aqui duas HQ, que como vimos partem de preocupações e interesses distintos, teve ainda como objetivo demonstrar a diversidade de quadrinhos existentes, embora tendo muita clareza do poder mercadológico que faz com que a Turma da Mônica apareça não apenas nos gibis, mas também nos brinquedos, produtos de higiene, alimentação, vestimentas, etc. Que a Turma do Xaxado, e tantos outros quadrinhos independentes, possam ter incentivos das políticas públicas e desta forma não precisem reafirmar ou instigar o consumo entre nossas crianças.

Finalizando, concordo com Giroux (1995) de que as instituições educacionais devam não apenas reconhecer a importância dos produtos culturais que as crianças trazem para dentro destes espaços, no caso deste estudo as HQ, mas que trabalhem com



elas na perspectiva de que as crianças possam, além de analisar as representações da cultura popular, também produzi-las.

Será junto a e com as crianças que nós adultos vamos poder compreender como elas se apropriam, interpretam e recriam os conteúdos destas histórias constituindo assim suas próprias culturas. O desejo aqui é que tais espaços se constituam em espaços da experiência (Agamben, 2005), onde cada um/uma possa encontrar-se com o outro e consigo mesmo/a.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1)

CUNHA, Susana R. V. da. *Educação e cultura visual: uma trama entre imagens e infância*. 2005. 254 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte seqüencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GIROUX, Henry. A disneyzação da cultura infantil. In: SILVA, Tomas Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). *Territórios contestados: os currículos e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 49-81.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LOURO, Guacira L. *Currículo, gênero e sexualidade*. Porto: Ed. Porto, 2000. (Coleção Currículo, políticas e práticas)

MELO, José Marques; TOSTA, Sandra P. *Mídia & educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção Temas & Educação)

SANTANA, Erivelton N. de. *Ideologia e poder nas histórias em quadrinhos: aspectos do micro-universo feminino na turma da Mônica*. 2005. 144 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 16, n.2, jul./dez de 1990. p. 05-22.

SETTON, Maria da Graça J. (org.). *A cultura da mídia na escola: ensaios sobre cinema e educação*. São Paulo: Annablume: USP, 2004.

SOARES, Carmen L.; SILVA, Ana M. Corpos de um Brasil multicultural: diálogos entre arte e ciência. *Iberoamericana*. América Latina – Espanha – Portugal. Berlin, Ano III, n. 10, jun/2003. p. 127-142